IMPORTÂNCIA DA LITERATURA CLÁSSICA PARA A ARQUEOLOGIA: O EXEMPLO DA ILÍADA

*Maria Martha Pimentel de Mello**

RESUMO: A arqueologia é de grande importância para confirmar eventos históricos descritos pelas fontes literárias clássicas. O desenvolvimento da arqueologia clássica encontra-se ligada à Ilíada, o mais antigo trabalho literário clássico, que durante milhares de anos construiu a base da informação sobre o começo da civilização grega. No final do século passado este registro despertou a curiosidade do estudioso e o desejo de encontrar a Tróia descrita por Homero, para confirmar o significado histórico da guerra. Schliemann ante o resultado de suas escavações, divulgando-o para o mundo e mostrando que o trabalho de Homero foi além das fronteiras da ficção literária e que quando um importante capítulo da história ocidental.

A ciência clássica constitui o fundamento básico da cultura ocidental. O conceito é por demais conhecido e o escolhemos propositalmente, para destacar o importante papel desempenhado pelos gregos no campo científico-cultural. Herdeiros dos avanços dos egípcios e mesopotâmicos, transportaram o saber do campo religioso para o laico, considerando essa transferência fundamental para um maior avanço da ciência. Utilizaram esse conhecimento e trabalharam seu conteúdo, logrando uma primorosa elaboração do saber que o tornou imprescindível ao desenvolvimento científico, em todos os tempos, inclusive nas áreas mais modernas que atualmente elaboram e desenvolvem as mais avançadas teorias e tecnologias.

Todavia, destacamos a importância do avanço da Arqueologia para a comprovação de acontecimentos descritos nas fontes literárias, assim como na aporção de valiosos documentos para demonstrar a relevância da dívida grega com as culturas do Oriente Próximo, através

* Universidade do Tocantins.

da descoberta de testemunhos das civilizações egípcia e mesopotâmica, preservados sobre pedras, placas de argila cozida e rolos de papiro. A decifração dessas escrituras aportou novos conhecimentos, elucidando fatos e completando lacunas da história e cultura desses povos.

A arqueologia é uma ciência relativamente recente e seu desenvolvimento encontra-se ligado à mais antiga obra literária clássica, a *Ilíada*. A obra homérica, possivelmente o livro mais lido depois da *Bíblia*, de acordo com a historiografia foi utilizada como manual de conduta por inúmeras gerações, em diferentes civilizações e espaços geográficos, assim como orientou a formação de grandes chefes de estado no mundo antigo. Durante milênios constituiu o único ponto de referência para os estudiosos dos inícios da civilização grega, e ainda no final do século passado seus relatos aguçavam a curiosidade, despertando, entre os eruditos, o desejo de encontrar a Tróia de Homero para comprovar a historicidade da guerra. Os helenistas ingleses e alguns alemães acreditavam tratar-se da descrição de um acontecimento real, impressionados pela grandiosidade da narrativa, enquanto grande parte dos helenistas ortodoxos europeus acreditavam que os poemas de Homero não ultrapassavam as barreiras da imaginação poética, tendo sido criados com a finalidade única de deleitar seus espectadores, sendo inútil procurar a cidade de Tróia.

Desde o século XVIII os turcos identificaram a colina de Hissarlik com a *Ilion* dos helenos e romanos. Os eruditos da época situavam-na nas elevadas fortificações de Balli Dagh, em cujo sopé encontrava-se a pequena aldeia de Bunarbashi, escavada rapidamente por G. von Hahn no ano de 1864. Anteriormente, em 1822, Charles Maclaren publicou em Edimburgo a *Dissertação sobre a topografia da planície de Tróia*, tese essa aceita por Grote, mas que recebeu pouca atenção nos meios acadêmicos. A obra segue as informações topográficas da *Ilíada*, pesquisadas através de estudos comparativos apoiados nos melhores mapas existentes sobre a região, para demonstrar o local da cidade de Tróia. Quase meio século depois, Frank Calvert, proprietário de parte da colina de Hissarlik, após estudá-la e explorá-la através de pequena sondagem arqueológica realizada em 1865, chegou à mesma conclusão, ao encontrar peças de cerâmica e outros materiais romanos e helenos pré-históricos.

Nesse cenário de opiniões divergentes imortaliza-se Heinrich

Schliemann, homem de grande valor, nascido pobre, mas construtor de grande fortuna pessoal, e que durante toda vida envidou grandes esforços para descobrir a cidade descrita por Homero. Calvert mostrou-lhe o local de seus achados e como Schliemann não identificara o sítio de Balli Dagh com a descrição da Tróia de Homero, opinião essa defendida por grande parte dos eruditos, entusiasmado, começou a primeira de suas sete escavações em 1880. Seu trabalho foi continuado por Wilhelm Dörpfeld nos anos de 1890, 93 e 94.

Em 1932 W. T. Semple dirigiu a expedição arqueológica da Universidade de Cincinnati, escavando durante sete anos, em longas campanhas e preocupando-se, especificamente, com o estudo das estratigrafias, tentando reparar os danos causados anteriormente, com o descuido desse fundamental aspecto das escavações arqueológicas. Todas essas escavações deixaram a colina em seu atual estado, restando apenas um ou dois pináculos destinados à preservação dos estratos sobrepostos.

Cacos de cerâmica e outros materiais arqueológicos menores foram misturados, impossibilitando qualquer tentativa posterior de situá-los em sua estratigrafia correta, entre as camadas de Tróia II e V. Assim, as primeiras escavações realizadas no século passado foram responsáveis pela perda de materiais de inestimável valor, por desprezarem e considerarem desprovidos de importância os cacos cerâmicos e outros materiais arqueológicos. Os primeiros escavadores preocupavam-se com os restos grandiosos como monumentos, relevos, estátuas e tesouros. A busca direcionada exclusivamente a esses vestígios imponentes do passado, fez com que se perdessem, de forma irre recuperável, inúmeros materiais que aportariam valiosas informações sobre a cultura troiana.

A situação criada pelas primeiras escavações não significa nossa aceitação à tese, amplamente difundida, de que Schliemann buscava apenas os benefícios materiais. É fácil imaginar a alegria sentida quando encontrava tesouros, representados por obras de grandiosa beleza e valor material, como ocorre também em nossos dias com os arqueólogos. Mas Schliemann tinha uma obsessão maior que sua carreira comercial e a deliberação de juntar fortuna: encontrar a cidade de Tróia, imortalizada por Homero, para comprovar materialmente e de forma indiscutível, a realidade da Guerra e a veracidade histórica da literatura

homérica. Movido por esse objetivo e acreditando que os fatos relatados na *Ilíada* eram reais e não simples invenções poéticas do passado, lançou-se na escavação da colina de Hissarlik. Trabalhou sem dispender maiores cuidados aos cacos cerâmicos, considerando simples entulho o material arqueológico de pequeno porte e sem respeitar as camadas estratigráficas. Dessa forma, destruiu importantes estratos indispensáveis ao estabelecimento de datas, que se perderam para sempre em face de sua impaciência em encontrar a cidade com a qual sonhava.

Ao encontrar os achados que maravilharam o mundo, começara a fazer arqueologia, a dar vida a um passado considerado morto por muitos, aprendendo a aplicar um método de pesquisa que caracterizaria nova forma de fazer História e a utilizar nova técnica para reconstituir culturas. Não encontrou, como pensara, o tesouro de Príamo, mas o de uma época muito anterior. Ele havia escavado e deixado nas camadas superiores uma série de cidade superpostas, e, por ironia, entre estas encontrava-se a Tróia homérica.

No entanto, como bom aprendiz, logo reconheceu que os toscos utensílios de osso e pedra, encontrados na Tróia I não correspondiam à opulência descrita por Homero, identificando-a, em seguida, com a Tróia III. Em 1890, juntamente com Dorpfeld, fora das muralhas, desenterraram um grande edifício cujo plano apresentava semelhanças com os palácios de Micenas e Tirinto e cujo material cerâmico identificava-se com o encontrado na Tróia VI. Preocupado, decidira prosseguir nas escavações para dirimir as dívidas surgidas com essas coincidências. A morte repentina o impediu de realizar a identificação da verdadeira Tróia de Príamo, descrita por Homero.

Schliemann escavou como um leigo, todavia os arqueólogos de seu tempo não atuavam de forma diferente. Ele foi acusado de procurar peças de grande valor nas escavações, sendo condenado, sobretudo, pelos métodos que utilizou. Ora, em sua época a arqueologia não constituía uma ciência, ninguém sabia escavar corretamente nem melhor que ele. Numa escavação predominava a pilhagem, constituindo a observação do contexto, uma preocupação quase inexistente, assim como os conhecimentos de estratigrafia eram vagos.

Entre os mais graves erros atribuídos a Schliemann constam a destruição das muralhas de Tróia que aportariam importantes informações ao conhecimento científico, além dos equívocos em que incorreu,

tanto em datas, como em interpretações. Todavia, E. Mayer registra que ele procedeu bem ao escavar até o solo primitivo, destacando que, em uma escavação sistemática, dificilmente teriam sido atingidas as camadas mais antigas da colina e revelada a cultura troiana.

Sua importância é grande, tanto por haver localizado a cidade na colina de Hissarlik, como pela sua condição de pioneiro, uma vez que não se pode falar dos inícios da exploração arqueológica do mundo egeu, na Idade do Bronze, sem citar seu nome, mesmo que seja para condenar a forma como escavou Tróia. Ele acreditou em Homero, venceu inúmeras dificuldades, obteve grande êxito e forçou os arqueólogos a aceitarem seu trabalho e ganhando fama mundial.

É verdade que Schliemann aprendeu com os próprios erros em sua condição de pioneiro, mas, no final da vida, tornou-se um escavador experimentado, rodeado de competentes assistentes. Merece lembrar como rapidamente publicava os relatórios, em linguagem simples, com observações objetivas e fidedignas. É o que se observa em Micenas e Tirinto, segundo Dorpfeld e Evans. Mas, foi a descoberta de Tróia que o tornou conhecido mundialmente nas diversas camadas sociais. Foi nomeado membro honorário da cidade de Berlim doando ao museu dessa cidade peças importantes de sua coleção de Tróia, que lamentavelmente foram quase totalmente destruídas durante a Segunda Guerra Mundial.

Schliemann maravilhou-se ante suas descobertas sentindo enorme satisfação em divulgá-las em artigos nos jornais e cartas que eram lidos no mundo inteiro. Os resultados de suas escavações em Tróia agitaram tanto o mundo erudito como o leigo, no final do século passado, constituindo tema de conversação nos diversos locais em que se reuniam as pessoas em seu cotidiano. O comerciante bem sucedido e sem erudição, demonstrava ao mundo que a obra de Homero não era pura ficção literária, mas que preservava importante capítulo da história dos ancestrais da cultura ocidental.

A enorme divulgação que promoveu sobre sua descoberta e cujo êxito era inegável, provocara reação nos meios intelectuais, talvez por não se aventurarem na busca desses achados amedrontados pelas possibilidades de fracasso e por considerarem reduzidas as chances de êxito. Limitavam-se esses intelectuais a multiplicarem as publicações sobre Tróia e Homero que, durante as atividades arqueológicas de

Schliemann, atingiram o elevado número de noventa e, também, a dirigirem seus ataques a quem tinha a extrema satisfação de anunciar ao mundo as novas descobertas.

Sendo a arqueologia uma ciência relativamente recente, as escavações arqueológicas trilharam uma longa aprendizagem até atingirem o atual estágio de trabalho científico, onde cada centímetro escavado é minuciosamente estudado e classificado, procurando-se sua equivalência com materiais semelhantes, encontrados em outros sítios arqueológicos.

É possível utilizar a arqueologia para comprovar uma lenda? Segundo John Chadwick, nem todas as lendas se prestam a esse tratamento; apenas pode-se demonstrar que um acontecimento narrado concorda com os restos arqueológicos e que naquele ponto diz a verdade, não sendo suficiente, entretanto, para comprovar a historicidade de todo o conteúdo da lenda estudada. Por conseguinte, exige rigoroso exame em todos os aspectos possíveis de serem confrontados com a arqueologia. Por outro lado, esse trabalho é somado aos resultados obtidos com a decifração das escrituras antigas que propiciam outro tipo de informação, testemunhando juntas, a veracidade do relato, e ampliando, de forma significativa e corretamente inserida no contexto científico, o quadro histórico das civilizações do passado.

Vimos, em linhas gerais, como a fonte clássica indicou ao observador perspicaz a localização da cidade de Tróia, comprovando a historicidade da fonte literária. Esta comprovação isolada não significa que todo o conteúdo da *Ilíada* seja verdadeiro; exige, ainda, como em toda obra histórico-literária, a comprovação de todo o relato, da mesma forma que todo documento histórico necessita comprovar sua autenticidade e veracidade.

No entanto, Schliemann demonstrou a veracidade histórica de Tróia e detectou o relacionamento mantido entre os habitantes dessa cidade e o mundo aqueu. Contribuiu para ampliar a divulgação da obra homérica e para despertar maior interesse pela arqueologia, tanto entre os eruditos, como entre os estudantes da cultura clássica e o público em geral. No dizer de Chadwick (Chadwick, 1985,p.232), Schliemann localizou corretamente na colina de Hissarlik *a cidade que as gerações posteriores conheceram como Tróia e foi o pioneiro da exploração arqueológica do mundo egeu na Idade do Bronze*.

Segundo Glyn Daniel (DANIEL, 1964, p. 50), Schliemann *criara* um novo capítulo do passado humano; escrevera a pré-história e demonstrara com assombrosa precisão que não devíamos desanimar, que o passado sem palavras podia falar, que o perdido não está perdido, que o passado não está passado para sempre.

ABSTRACT: *The importance of classical literature for archaeology. The Iliada example.* — The Archaeology is of great importance to confirm the historical events described by classical literary sources. The development of the classical Archaeology is found together with the Iliad, the oldest classical literary work, which during thousands of years constituted the basis for information to the ones who were interested in the beginning of the Greek Civilization. At the end of the last century its reports arouse the curiosity and woke up in the scholar the desire to find the Troya described by Homer, to reaffirm the historical meaning of the war. Schliemann wondered at before the result of his excavations divulging them to all the world and showing that the Homeric work went beyond the boundary of the literary fiction and that it preserves an important chapter in the history of the Occident.

Bibliografia

- BEHN, Friedrich. *Prehistoria de Europa*. México: Uteha, 1959.
BLEGEN, Carl W. *Tróia*. Lisboa: Verbo, 1966.
BURN, A. R. *As cidades rivais da Grécia*. Lisboa: Verbo, 1972.
CHADWICH, John. *El mundo micênico*. Madrid: Alianza Universidad, 1985.
DANIEL, Glyn. *Introdução à Pré-História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
FINLEY, M. I. *Os gregos antigos*. São Paulo: Edições 70, 1984.
_____. *O mundo de Ulisses*. Lisboa: Presença, 1982.
LAFFORGUE, Gilbert. *A Alta Antiguidade, das origens a 550 a.C.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1979.
LLOYD-JONES, Hugh. *O mundo grego*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
MOSSÉ, Claude. *A Grécia Arcaica de Homero a Êsquilo*. Lisboa: Edições 70, 1989.